

Orientações gerais

A submissão de trabalhos em qualquer das 3 modalidades será através de um resumo estendido contendo, em no máximo cinco laudas¹ (Times new-roman, espaço 1,3 e fonte 12) a descrição do trabalho, o nome do(s) proponente(s), o vínculo institucional, e-mail e duração da proposta para a atividade (no caso das oficinas).

Título do trabalho: O humor na comunicação científica

Autor (s): João Eduardo F. Ramos e Luís Paulo Piassi

Modalidade:

Mesa Redonda

Oficina /Performance

Comunicação oral

Duração proposta para a atividade (apenas para oficinas):

Em quais subáreas o seu trabalho pode ser enquadrado?

Opção 1 – Educação Científica e Tecnológica & Comunicação científica

Opção 2 – Comunicação científica e a interface entre ciência e sociedade

Opção 3 –

Subáreas do evento

1. Comunicação científica no Brasil: passado, presente e futuro
2. Circulação, apropriação e utilidade da informação sobre ciência na esfera pública
3. Medicina, comunicação da ciência e construção do conhecimento
4. Atores, possibilidades e fomento da divulgação científica
5. Comunicação científica e a interface entre ciência e sociedade
6. Educação Científica e Tecnológica & Comunicação científica

¹ Esta página é informativa e constitui a capa do seu resumo. Ela não será contabilizada nas 5 laudas para a apresentação do trabalho.

O Humor na Comunicação Científica

Humor on Science Communication

João Eduardo F. Ramos (USP/UNISO, Doutorando/Professor, joaoeframos@gmail.com)

Luís Paulo Piassi (EACH-USP, Professor Doutor, lppiassi@usp.br)

Resumo

Qual seria a relação entre o riso e a ciência? Na presente pesquisa apresentamos o estudo sobre o humor na comunicação científica. A partir de exemplos pontuais dos sites Piadas Nerd e Quase Físico e da revista Super Interessante, e de um estudo sobre a relação entre humor e educação, observamos que ao apresentarem a física a partir do humor, estes materiais quebram com a seriedade dos assuntos e apresentam uma ciência mais acessível e descontraída. Portanto, mesmo a partir do riso, é possível ensinar e aprender.

Palavras chave: Riso, Humor, Divulgação científica.

Abstract

What would be the relationship between laugh and Science? In the current research we present one study about humor on Science communication. From specific instances of the websites Nerd Jokes and Almost Physicist, the magazine Super Interessante, and a study about the relationship between humor and education, we have observed that by showing physics thought humor, these materials break the seriousness of the subjects and present a science more accessible and light-hearted. So, even though laugh, it is possible to learn.

Key words: Laugh, Humor, Science Communication

Introdução

Qual seria a relação entre o riso e a ciência? Este mesmo riso pode auxiliar a apresentação de conceitos e ideias científicas ou por tratar de questões sérias não há espaço para gargalhadas?

O costume de distanciar o sério do humorístico tem suas raízes por volta da Idade Média, como aponta Bakhtin (2010, p. 57-58), ao observar que, nesta época, o essencial e o importante não poderiam ser cômicos. Em contraposição, a partir do Renascimento, o riso passa a ser visto, por alguns teóricos, como um ponto de vista tão importante quanto o sério.

Assim, já não parece ter mais sustentação a ideia de que se o assunto é sério, não podemos rir dele, ou transformá-lo em algo engraçado. Assim sendo, a ciência pode ser engraçada, no entanto, onde está este humor? Grande parte do humor científico se encontra na comunicação científica, sejam em blogs, tiras humorísticas, artigos, livros e vídeos. Ou seja, é na tentativa de comunicar ideias científicas e visões de mundo que se utiliza o humor como ferramenta de diálogo.

Mas o que leva esta aproximação ser utilizada? Para pensar sobre este tema apresentamos nesta pesquisa um estudo teórico sobre a utilização e a presença do humor na comunicação científica.

Humor, pensamento e educação

Não é de hoje que o riso é um objeto de estudo. Desde a antiguidade já se tentava encontrar a essência do riso. Dessa forma, ao longo da história do pensamento é possível observar como diferentes estudiosos, de diferentes áreas, tentavam apreender esta essência. Verena Alberti (2002) apresenta um estudo das principais teorias sobre o riso ao longo da história, e observa que muitas das teorias contemporâneas sobre o riso, refletem, ou repetem, ideias já propostas desde a antiguidade.

As diversas teorias sobre o riso podem ser sumarizadas a partir de três principais teorias, como sugere Gordon (2014), a *Teoria da Superioridade*, *Teoria do Alívio* e *Teoria da Incongruência*. A primeira, defendida por Platão e Hobbes e que enxerga o riso com desprezo, considera o riso como uma expressão de nosso deleite para com o defeito dos outros ou de nossos próprios erros e falhas anteriores (GORDON, 2014, p. 2). Este seria um tipo de riso negativo. Para Teoria do Alívio, defendida por Freud, o riso funciona como uma válvula através da qual uma energia nervosa, que não é mais útil, é liberada (GORDON, 2014, p. 2). Esta energia pode ser de origem emocional, sexual ou cognitiva. Por fim, a Teoria da Incongruência, segundo a qual o riso surge quando nossas expectativas desaparecem e então nos notamos uma incongruência entre o conceito e o que esperávamos, o que gera uma quebra de expectativa (GORDON, 2014, p. 2). Estas duas últimas teorias indicam um riso positivo e construtivo.

Quanto a educação, observamos, entretanto, que são poucas as pesquisas que se preocupam com o riso e o humor no ensino de ciências (PETERSON, 1980; GARCIA MOLINA, 2009, p. 64; ROTH *et al*, 2011).

Humor e comunicação científica

Não há dúvidas sobre a importância da comunicação científica tanto na produção da ciência quando para a educação (PINTO, 2010; MASSARANI *et al* 2002). Entendemos, assim como propõe Van Dijck (2003, p. 177), que há uma prática multicultural na comunicação científica, que possibilitou que diferentes áreas também se envolvessem na produção e negociação da ciência, não se resumindo apenas a mediação. Nesta visão de comunicação científica, é possível observar que o humor seria uma forma de legitimar a discussão científica.

De certa maneira, o que se tem observado é que o engajamento do público em relação à ciência tem se tornado cada vez menos formal e mais aberto a outros meios como os festivais

de ciência e shows de comédia (HOSLER, 2013). Além de se proporem a utilizar outras técnicas como narrativas, uso do mistério e a informalidade, como aponta Linda Holser (2013), em uma reportagem para a AAAS (Associação Americana para o Avanço da Ciência).

Em relação ao uso do humor algumas abordagens apontam o fato do humor possibilitar manter o foco e a atenção da audiência (MCCRORY, 2010, p. 85; VIEIRA, 2007). Além de também possibilitar se aproximar do público como aponta do “comediante da ciência”, Brian Malow, colaborador do show de rádio StarTalk com Neil DeGrasse Tyson, por mostrar que somos humanos e temos uma história (SANTISI, 2011). E há ainda o lado lúdico do humor, no qual primeiro rimos e depois percebemos que fomos informados e podemos pensar sobre o assunto, como defende Marc Abrahams, criador do prêmio IgNobel.

Ao entrevistar diversos profissionais da comunicação científica e da educação informal sobre o papel das emoções na comunicação, Paul McCrory (2010, p. 85) observou que todos afirmaram que o humor era uma ferramenta importante para a apresentação de shows de ciência, sejam na televisão ou em museus, por exemplo. McCrory (2010, p. 87-88) observou também que o principal tipo de humor é que o surge naturalmente na interação, algo que também é apontado por Malow ao afirmar que é preciso conhecer o seu público e usar o humor de acordo com ele (SANTISI, 2011).

Dentro da relação entre humor e comunicação, apresentamos alguns exemplos pontuais encontrados tanto na mídia quanto nas redes sociais. Nos exemplos selecionados destacamos as páginas *Piadas Nerd* e *Quase Físico*, e uma sessão da revista *Superinteressante*.

O *Piadas Nerd*, que possui aproximadamente 226 mil seguidores no Twitter, é uma página que reuni diversas piadas e brincadeiras com a ciência e diferentes temas da cultural pop. As piadas já foram, inclusive, compiladas em um livro (BARONI *et al*, 2011). No caso, são piadas que em alguns casos necessitam de um entendimento mínimo para compreendê-las, como a piada *Por que o atrito e a resistência do ar foram ao psicólogo? R: Porque eles são muito desprezados*.

Nela há uma brincadeira com as grandezas físicas que são desprezadas para tornar o problema mais simples. No ensino médio raramente se fala na força de resistência do ar enquanto a força de atrito se faz presente em alguns problemas de estática. Evidente que uma piada que por si só não acrescenta muito, no entanto, serve como uma porta para abordar a questão da simplificação na física.

A página do *Quase Físico* no Facebook, apresenta diferentes memes e brincadeiras com o universo do graduando de Física. Criado, por um estudante de física, com a ideia de “integrar as pessoas à física e derivar humor”. Como a própria descrição da página indica o site não está preocupado em necessariamente explicar tudo o que está lá, se voltando para a ideia de que “entendedores, entenderão”. É o caso da piada romântica abaixo



Figura 02: *Piada sobre grandezas vetoriais*

Neste caso o blog convida o leitor que tiver interesse de ver a explicação da “cantada científica”. É um exemplo onde há a veiculação de um conteúdo além da piada em si. A veiculação da imagem do Feynman na piada, devido a sua pose, também contribui para a instauração do humor.

Por fim, observamos algumas postagens da página ciência maluca da revista Superinteressante. Sessão da revista que tem o intuito de mostrar pesquisas inusitadas que por si só seriam engraçadas e ou inesperadas. Algo semelhante a proposta do IgNobel. Os temas apresentados são os mais variados e seu lado engraçado está em apostar no inesperado, quebrando a expectativa do leitor. Reportagens como *peessoas mentem mais durante a tarde*, *Via Láctea tem gosto de framboesa*, entre outras. A ciência maluca leva ao questionamento de “porque alguém pesquisaria isso?” e mostra que há uma influência da divulgação no sentido de não apoiar o que seria “inútil”, inclusive taxando-o de maluco.

Considerações

É possível notar que os exemplos apresentados, ainda que pontuais, recorrem a ideia da utilização do humor como forma de apresentar o conteúdo de forma mais descontraída, ainda que não necessariamente estejam voltadas para o ensino. No entanto, são piadas e brincadeiras que estão voltadas para o conteúdo, o que pode possibilitar um impacto positivo na aprendizagem, como aponta Wanzer *et al* (2010).

Por possibilitar um clima mais leve e descontraído, o humor acaba sendo consumido de maneira diferente em relação aos outros gêneros. Devido aos locais onde os exemplos selecionados foram retirados, observamos que são produtos voltados para um consumo livre e prazeroso. Muitas vezes estes produtos são consumidos durante momentos de tempo livre, onde se tem o poder de escolher o que quer fazer, o que de certa forma é uma característica dos materiais de comunicação científica. No entanto, estes materiais podem ser incorporados

a atividades de comunicação científica como as do projeto da Banca da Ciência.

Portanto estes materiais estão voltados para o lazer, no entanto isto não significa que estejam desprovidos de conteúdo ou que possam ensinar. No caso, o riso acaba contribuindo para que a mensagem desejada seja transmitida, algo que está de acordo com alguns comunicadores da ciência, como apresentado.

Referências

BAKHTIN, Mikail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ALBERTI, V. O riso e o risível: na história do pensamento. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BARONI, I.; GIOLO, F. G.; POURRAT. Piadas Nerds. 2ª ed. Campinas, SP: Versus, 2011.

GARCIA MOLINA, R. La física con humor se enseña (y aprende) mejor. Alambique. n. 60, abril 2009, p. 64-77.

GORDON, M. Humor, Laughter and Human Flourishing: a filosofical exploration of the laughing animal. Springer: USA. 2014.

HOSLER, L. The Culture of Science Engagement Is Becoming Less Formal, Experts Agree. American Association for The Advancement of Science AAAS. 2013. MASSARANI, L; MOREIRA, I.; BRITO, F. Ciência e Público. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002. p. 43-64

MCCRORY, P. In search of excitement and wonder – an investigation of how post-primary teachers can emotionally engage students in science through their performance. PhD Thesis. School of Education, Faculty of Arts, Humanities and Social Sciences, Queen's University of Belfast, 2010.

PETERSON, I. Humor in the physics classroom. The physics teacher. Dec. 1980, p. 646-650.

PINTO, G. A. (Org). Divulgação Científica e Práticas Educativas. 1 Ed. Curitiba: CRV, 2010. 209p

ROTH, W-M; RITCHIE, S. M.; HUDSON, P.; MERGARD, V. A Study of Laughter in Science Lessons. Journal of Research in Science Teaching. Vol. 48, n. 5, pp. 437-458. 2011.

SANTISI, J. In the Quest for Public Engagement, Scientists Should Look to Humor, Comedian Says. American Association for The Advancement of Science AAAS. 2011.

VAN DIJCK, J. After the "Two Cultures" - Toward a "(multi)cultural" practice of science communication. Science Communication, 25 (2), 177-190, 2003.

VIEIRA, C. L. Pequeno Manual de Divulgação Científica: Dicas para cientistas e divulgadores da ciência. 3ed. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje. 2007. p. 11-32.

WANZER, M. B., FRYMIER, A. B., IRWIN, J. An Explanation of the Relationship between Instructor Humor and the Student Learning: Instrucional Humor Processing Theory. Communication Education. Vol. 59, No. 1, pp. 1-18, 2010.